

n° 33
1° trimestre
de 1995



EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

Director
Paulo Abrantes

Redacção
Alexandra Pinheiro
Ana Boavida
Ana Paula Canavarro
Ana Vieira
Eduardo Velloso
Helena Lopes
Henrique M. Guimarães
Isabel Amorim
Maria João Lagarto
Maria José Boia
Rosário Ribeiro

Entidade Proprietária
Associação de Professores
de Matemática

Periodicidade
Trimestral

Tiragem
3500 exemplares

Composição
Gabinete Técnico da APM

Capa
Gabinete Técnico da APM

Montagem, fotolito e impressão
Costa e Valério
N° de Registo: 112807
N° de Depósito Legal: 89.062/95

Correspondência
Associação de Professores
de Matemática
Escola Superior de Educação de
Lisboa
Rua Carolina Michaelis de Vascon-
celos
1500 Lisboa
Tel/Fax: (351) (1) 7166424

**Nota: Os artigos assinados
são da responsabilidade dos seus
autores, não reflectindo
necessariamente os pontos de vista
da Redacção da Revista.**

E terá que ser assim?

Cada vez com mais frequência a Matemática é notícia na comunicação social. É talvez neste momento a disciplina escolar mais questionada, mais acusada e mais temida.

Um breve olhar pelos jornais dos últimos tempos faz-nos recordar alguns títulos bombásticos aos quais a matemática vem sempre associada e referida de forma destacada: *as escolas que tratam mal a matemática*, *os alunos portugueses são os piores num inquérito internacional*, *a matemática é o caso mais grave da aplicação da Reforma*, *os alunos do primeiro ano de Engenharia não conhecem o teorema de Pitágoras*, *cerca de 60000 alunos inscreveram-se para fazer prova de aferição de Matemática* (num total de 90000), ... *as médias das provas de aferição de Matemática são de 30%* ...

Tem-se tentado responsabilizar os professores pelo insucesso: "os professores faltam muito", "os professores não cumprem os programas", "os professores não querem ou não são capazes de motivar os alunos", "os professores ..."

Concretamente, aos professores de Matemática a opinião pública exige e impõe, mais do que ao professor de qualquer outra disciplina, que "cumpra os programas", que prepare os jovens para terem êxito nas "provas globais, nas provas de aferição, nas provas de acesso". Ao professor de Matemática é cada vez mais exigido que "prepare para as provas de selecção".

E como nos sentimos nós neste papel? Como entendemos estas exigências para "cumprir os programas"? Como sentimos esta pressão no sentido de responder às exigências de selectividade? Que implicações tem na nossa forma de estar e de ser professor este conflito permanente entre a renovação do ensino e a resposta a este filtro social?

A Matemática, se por um lado é aceite consensualmente, como elemento importante e indispensável na formação geral do aluno, por outro continua também a ser considerada como um "dom" de alguns. Continua a considerar-se uma ciência difícil, abstracta, onde pouco há a fazer quando os alunos não têm "jeito" ou bases...

Sabemos que não é assim e os novos programas contrariam esta visão e abrem perspectivas de mudança. Assim, seria pois natural que a Matemática, hoje, fosse notícia porque estavam a acontecer "coisas" novas nas escolas e nas aulas:

- as escolas estavam a criar espaços de trabalho próprios — Laboratórios de Matemática — com materiais e recursos diversificados onde as tecnologias também estavam presentes;
 - os professores preparavam novos materiais, usavam novos recursos, diversificavam formas de trabalho, ...
 - os professores estavam entusiasmados, trocavam experiências, davam forma a uma verdadeiro movimento de formação contínua ...
 - os alunos desenvolviam actividades mais significativas, em que construía, descobriam, imaginavam, tinham sucesso e prazer a aprender Matemática...
- Porque é que ainda não é assim?

A Direcção da APM